

Percepções de familiares de pessoas portadoras de câncer sobre encontros musicais durante o tratamento antineoplásico

Perceptions of family members of patients with cancer on musical encounters during the antineoplastic treatment

Percepciones de familiares de personas con cáncer sobre encuentros musicales durante el tratamiento antineoplásico

Vladimir Araujo da Silva¹, Sonia Silva Marcon¹, Catarina Aparecida Sales¹

¹ Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Maringá-PR, Brasil.

Submissão: 23-10-2012 **Aprovação:** 17-02-2014

RESUMO

Estudo qualitativo fenomenológico, estruturado na análise existencial heideggeriana, que objetivou desvelar a percepção de familiares acompanhantes de pacientes que convivem com o câncer e o tratamento antineoplásico em uma casa de apoio, onde são utilizados encontros musicais como método de tratamento. Os sujeitos foram cinco usuários da casa de apoio da Rede Feminina de Combate ao Câncer de Maringá, onde foram realizados oito encontros musicais, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2011. Constatou-se que o encontro mediado pela música pode proporcionar aos familiares acompanhantes um momento de introspecção existencial, que os conduzem a uma experiência transcendental no enfrentamento de sua condição existencial, incitando a expressão de subjetividades e o desvelamento de suas necessidades existenciais / espirituais. No contexto dos cuidados paliativos oncológicos, esses encontros podem ampliar as possibilidades de integralização e humanização do cuidado de enfermagem à família, subsidiando conforto, reflexão e motivação diante das adversidades emergentes em sua temporalidade na casa de apoio.

Descritores: Enfermagem Oncológica; Música; Cuidados Paliativos; Musicoterapia.

ABSTRACT

Current research is a qualitative phenomenological analysis, structured on Heidegger's existential analysis, whose aim was the perception of cancer patients' relatives who live with subjects with cancer and with anticancer treatment, about the musical encounters. Five subjects living at the clinic run by the Maringá Female Network against Cancer participated at eight musical encounters during January and February 2011. The meeting mediated by the music can provide the relatives with a moment of existential introspection which lead them to a transcendental experience in coping with their existential condition. It inspired the expression of subjectivity and the revealing of their existential / spiritual needs. Within the context of cancer palliative care, the encounters may broaden the integration and humanization possibilities of nursing care to the family, providing comfort, reflection and motivation in the wake of emergent adversities within the clinic's temporal term.

Key words: Nursing Cancer; Music; Palliative Care; Music Therapy.

RESUMEN

Estudio cualitativo fenomenológico, estructurado en la análisis existencial heideggeriana, que tuvo por objetivo desvelar la percepción de familiares acompañantes de pacientes que conviven con el cáncer y el tratamiento antineoplásico en una casa de apoyo, en relación a los encuentros musicales. Los sujetos fueron cinco usuarios de la casa de apoyo de la Rede Feminina de Combate al Câncer de Maringá, donde fueron realizados ocho encuentros musicales, durante los meses de enero y febrero de 2011. Se constató que lo encuentro mediado por la musica puede proporcionar a los familiares acompañantes un momento de introspección existencial, que los conducen a una experiencia transcendental para hacer frente a su condición existencial, incitando a expresión de subjetividades y el desvelamiento de sus necesidades existenciales / espirituales. En el contexto de los cuidados paliativos oncológicos, esos encuentros pueden ampliar las posibilidades de integralidad y humanización del cuidado de enfermería a la familia, subsidiando confort, reflexión y motivación delante de las adversidades emergentes en su temporalidad en la casa de apoyo.

Palabras clave: Enfermería Oncológica; Música; Cuidados Paliativos; Musicoterapia.

AUTOR CORRESPONDENTE Catarina Aparecida Sales E-mail: casales@uem.br

INTRODUÇÃO

O câncer é uma das doenças crônico-degenerativas que mais acarretam transtornos ao doente e sua família. Independentemente do prognóstico, muitos indivíduos encontram-se fragilizados, ameaçados e amedrontados diante de seu diagnóstico⁽¹⁾. Isto por que esta doença traz importantes mudanças no modo de viver, as quais alteram a vida do doente e família desde o âmbito físico até o emocional, pelo desconforto, pela dor, pela desfiguração, pela dependência e pela perda da autoestima⁽²⁾. Ressalta-se, ainda, que a incidência de neoplasias malignas no Brasil tem aumentado progressivamente e, assim, o cuidar de um familiar nesta condição vem tornando-se uma realidade no cerne de muitas famílias⁽³⁾. Nesses momentos, a família vivencia vicissitudes que afetam profundamente os aspectos psicológicos e emocionais, e talvez seja a primeira vez que enfrenta uma situação de morte em seu lar⁽³⁾.

Cuidar nestas condições, exige muita dedicação, especialmente por parte daquele familiar que assume o papel de cuidador principal, causando-lhe uma sobrecarga física e emocional, relacionada ao tempo despendido nesse cuidado e às dificuldades que lhe são inerentes⁽³⁾. Nestes momentos, a família experiencia vicissitudes que são ampliadas diante da iminência de morte e das perdas relacionadas à evolução da doença e aos efeitos colaterais do tratamento antineoplásico⁽⁴⁾. Deste modo, a família angustia-se e identifica sua própria fragilidade, reconhecendo a necessidade de apoio para o enfrentamento de sua condição existencial⁽⁵⁾, isto porque o câncer desperta sentimentos de vulnerabilidade, angústia, medo, insegurança e incerteza⁽⁶⁾.

Nessa perspectiva, emergem os cuidados paliativos, uma abordagem que aprimora a qualidade de vida dos pacientes e famílias que enfrentam problemas associados com doenças ameaçadoras de vida, previne e alivia o sofrimento e a dor, em suas dimensões física, psicossocial e espiritual⁽⁷⁾. Entretanto, para a implementação dessa filosofia, destaca-se a importância dos profissionais de enfermagem, pelo tempo que permanecem junto ao paciente e seus familiares, intermediando a interação entre os seres envolvidos no processo de cuidado interdisciplinar, recorrendo a recursos que proporcionem melhor qualidade de vida e, quando isso não for possível, uma morte digna⁽⁸⁾.

Nessa dimensão, surgem inúmeras iniciativas, como os encontros musicais, uma estratégia de cuidado grupal, implementada junto a sistemas familiares no contexto da quimioterapia, tendo a música como recurso terapêutico, ativador do processo expressivo e interativo, das narrativas e da dialogicidade, estruturado na intencionalidade de cuidar do enfermeiro na co-construção de um ambiente de reconstituição física, emocional e social⁽⁹⁾.

Em estudo realizado acerca da utilização da música na assistência paliativa domiciliar, observou-se que a supereminência dos encontros musicais na terminalidade da vida de pessoas com câncer, aviva sensações agradáveis que contribuem para o seu bem-estar e o de sua família, dando sentido aos seus dias; suscita também sentimentos de alegria, tornando-os mais comunicativos, como se a doença parasse no tempo e no

espaço vivido; representa um suporte de apoio psicossocioespiritual que desperta força e coragem para transcenderem a angústia de sua facticidade⁽³⁾.

Destarte, quando utilizada com competência e sensibilidade, a música potencializa a expressão de afetividade, muitas vezes despercebida ante a iminência de morte, transcendendo o cuidado fragmentado e desumano⁽¹⁰⁾. Diante do exposto e da necessidade de desenvolver recursos tecnológicos leves, efetivos e aplicáveis ao cuidado de enfermagem, o objetivo deste estudo foi desvelar a percepção de familiares acompanhantes que convivem com o câncer e o tratamento antineoplásico em uma casa de apoio que utiliza de encontros musicais como tratamento.

A nosso ver, pesquisas com esse escopo justificam-se, pois estudos que abordam os sentimentos dos familiares cuidadores de pessoas com câncer, acompanhando-os durante o tratamento em casas de apoio que utilizam a música como uma estratégia para o cuidado, é escassa em âmbito nacional e internacional. Tal realidade demonstra a necessidade de o enfermeiro refletir acerca da condição destes seres e albergar em seus cotidianos os cuidados a estas pessoas, visto que, nestes momentos de suas vidas, esses familiares coexistem com sofrimentos emocionais, tendo que se adaptar às situações suscitadas pela permanência na instituição, a doença e o tratamento. Isso requer a identificação de suas necessidades biopsicossociais, que devem ser apreciadas e levadas em consideração no planejamento e desenvolvimento das ações e programas de saúde voltados a tais seres.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo estruturado na fenomenologia existencial heideggeriana⁽¹¹⁾. Diante da complexidade inerente à área da saúde, a fenomenologia pode viabilizar a compreensão do encontro entre os seres envolvidos no processo de cuidado, promovendo a humanização⁽¹²⁾. Ponderando ainda que o cuidado de enfermagem abrange questões existenciais, a fenomenologia subsidia significativa contribuição para o pensar e o fazer do enfermeiro. Vale salientar que a pesquisa fenomenológica objetiva descrever as experiências em sua totalidade, ou seja, desvelar o significado das percepções emergentes no contexto vivenciado⁽¹³⁾.

Portanto, neste tipo de estudo, a região de inquérito ou região ontológica é a própria situação em que o fenômeno que se buscou desvelar ocorre, ou seja, a subjetividade latente nas vivências dos familiares acompanhantes, dos usuários da casa de apoio da Rede Feminina de Combate ao Câncer de Maringá (RFCC), que acolhe pessoas adultas de ambos os sexos, residentes em outros municípios e Estados, que fazem quimioterapia e/ou radioterapia em Maringá, disponibilizando pouso, banho, alimentação e transporte gratuitos para a clínica ou hospital. Durante o tratamento, independente do quadro clínico do usuário, a presença de um acompanhante é permitida, mas não obrigatória.

Mediante autorização prévia da Presidente da organização supracitada, iniciou-se a etapa de familiarização com o cenário de estudo e aproximação com os usuários lá hospedados,

com o intuito de reconhecer a dinâmica da casa de apoio, inserindo-nos naturalmente em seu cotidiano. Na semana que antecedeu o primeiro encontro, tive a oportunidade de conhecer cada usuário da instituição, falar sobre os encontros musicais e saber sobre suas preferências musicais, para que o repertório a ser implementado pudesse contemplar a apreciação de todos.

Com o intuito de nortear com transparência a trajetória metodológica dos encontros musicais, adotaram-se as diretrizes recomendadas para relatórios de intervenções musicais na área da saúde, considerando a complexidade de estímulos musicais, e outros fatores como a escolha da música, o modo de entrega ou a combinação de música com outras estratégias de intervenção⁽¹⁴⁾. Assim, as músicas utilizadas nos encontros musicais foram pré-selecionadas pelos próprios participantes, bem como pelo pesquisador, direcionado pelo estilo musical ou cantor referenciado. Os participantes conduziam a intervenção, escolhendo a partir desta seleção as músicas que gostariam de ouvir naquele momento.

Os estilos musicais previamente referenciados foram o sertanejo e o religioso, e as músicas com as quais os sujeitos de pesquisa se identificaram após a intervenção foram: “Oração pela família”, em Sol maior (G); “Franguinho na panela”, em Sol maior (G); “Couro de boi”, em Fá maior (F); e “Noite traiçoeira”, em Sol maior (G), com prevalência dos ritmos quaternário e ternário.

Vale salientar que, permitir a participação do cliente na escolha do repertório, estimula-o a reavivar reminiscências que compunham a sua historicidade, haja vista que a música está atrelada a eventos cotidianos significativos da vida de cada ser. Evocar essas lembranças pode subsidiar o enfrentamento e a superação de sua angústia existencial⁽¹⁵⁾.

Deste modo, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2011, foram realizados oito encontros musicais, onde foram cantadas e tocadas no violão as músicas escolhidas pelos usuários da casa de apoio. Os encontros musicais aconteceram às segundas-feiras, com início às 17h30min, pois, no período da manhã e/ou da tarde, os familiares acompanham os pacientes que se deslocam para a clínica ou hospital. Eles tiveram uma duração média de 1h30min, ponderando o desgaste físico dos usuários que permanecem na casa de apoio de segunda à sexta-feira, retornam para suas residências nos finais de semana, para então refazerem o caminho percorrido e retomarem o tratamento, uma viagem, muitas vezes, longa e exaustiva.

Foi utilizada como estratégia de intervenção a audição musical, associada ao processo expressivo e interativo dos sujeitos. O modo de entrega musical foi música ao vivo – voz e violão de seis cordas Tagina® Dallas com cordas de aço – além de dez cópias do material impresso em folhas de sulfite A4 brancas, contendo as letras das músicas para os participantes (sugestão feita por um deles no primeiro encontro), uma estante de partituras Hunter®, cadeiras e sofás dispostos em círculo com o intuito de propiciar a interação do grupo.

As músicas foram interpretadas pelo próprio pesquisador, enfermeiro e músico, com experiência prévia de utilização deste recurso em outras situações com a participação dos usuários, e em volume agradável aos ouvidos. Os encontros

aconteceram na sala social, onde circulam funcionários, usuários e beneficiários da RFCC. Não obstante, avaliamos que os níveis de privacidade e ruídos ambientais não tenham interferido nos resultados da intervenção, visto que neste ambiente, os usuários assistem TV, conversam e, muitas vezes, adormecem no sofá.

Neste período, 13 familiares acompanhantes integraram os encontros musicais, sendo cinco no primeiro, três no segundo, quatro no terceiro, cinco no quarto, cinco no quinto, três no sexto, quatro no sétimo e três no oitavo. Mas, somente cinco familiares foram sujeitos de pesquisa, pois participaram de, no mínimo, três encontros musicais, critério de inclusão pré-estabelecido. Ressalta-se que, as intervenções em grupo podem agregar valores em termos de apoio aos participantes e que os efeitos terapêuticos das interações sociais a ele inerentes podem transcender os da própria intervenção⁽¹⁴⁾.

Após a participação no terceiro encontro, os familiares foram entrevistados individualmente, conduzidos pela seguinte questão norteadora: “O que esses encontros musicais representam para você neste momento de sua vida?” Com o intuito de facilitar a análise do fenômeno, logo após o término de cada encontro, as observações realizadas foram registradas em um diário de campo.

Para captar a plenitude expressa pelos sujeitos, inicialmente, realizamos leituras atentas de cada depoimento, separando os trechos ou unidade de sentidos (us) que para nós se mostraram como estruturas fundamentais da existência. Posteriormente, passamos a analisar as unidades de sentidos de cada depoimento, realizando seleção fenomenológica da linguagem de cada sujeito, pois uma unidade de sentido é, em geral, constituída de sentimentos revelados pelos depoentes que contemplaram a interrogação ontológica do estudo⁽¹⁶⁾. E, da qual emergiu a temática ontológica que foi interpretada à luz de algumas ideias heideggerianas e de autores que o referenciam, como também, pesquisadores que versam sobre a problemática em estudo.

Por se tratar de pesquisa que envolve seres humanos em seu desenvolvimento, observamos os aspectos éticos disciplinados pela Resolução 196/96 do CNS-MS, revogada e substituída pela Resolução 466/12, do CNS/MS. O projeto foi apreciado e aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (Parecer n.º. 614/2010). Evitando designar os sujeitos de forma genérica, como sujeito 1, 2..., os familiares receberam codinomes de elementos de expressão musical.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sentindo-se acolhida em sua vicissitude

“Ser-com” ou “Sendo-com” é um constitutivo ontológico do ser-no-mundo, do existir humano. “Com” que tem origem no latim *cum* e no grego *syn* significa “junto”, algo ou alguém na presença do outro. Assim, o ser humano existe sempre em relação a algo ou alguém e neste ser-com-os-outros, o ser-no-mundo é sempre cuidado, compreende as suas experiências, estabelece significado próprio aos objetos e seres em seu mundo, e dá sentido à sua existência⁽¹¹⁾. Nessa perspectiva, os

familiares acompanhantes sentiram-se acolhidos em sua condição existencial, reconhecendo os encontros musicais como uma possibilidade de estar-com-o-outro em sua temporalidade na casa de apoio.

Esse trabalho... só vem a somar para a recuperação desse paciente, em todos os sentidos. [...] para que ele, por um momento sequer, esqueça daquela patologia e daquele momento difícil que ele está levando, junto com a família. [...] desta patologia horrível que é o câncer [...] Porque queira ou não queira a música é uma terapia e ela é bem vinda em todos os lugares [...] aqui nós temos católicos, evangélicos e independente da raça, cor e religião que cada um siga, você pode ver que todos gostam da música. [...] eu acho que isso é um trabalho maravilhoso [...] eu acho muito importante, sabe? a música. (Tenuto)

Diante da complexidade da doença de sua mãe, Tenuto concebe os encontros musicais como uma terapia complementar aos tratamentos convencionais, que auxilia na recuperação dos doentes “em todos os sentidos”, pois lhes permite deslembrar, por um momento, a angústia e o sofrimento vivenciado e compartilhado neste contexto. O sentido implícito em sua linguagem pode transmitir a dificuldade vivenciada no seu *ik-stante* existencial, ou seja, no presente, onde os encontros musicais subsidiam a possibilidade de sentir-se cuidado também, ampliando sua qualidade de vida. Nesse sentido, os encontros musicais despertam uma sensação de integridade social e evolução cognitiva, ressignificando as emoções e o sentido da vida⁽⁴⁾.

Ah! É muito importante, porque faz a gente desenvolver aquilo que a gente sente, e deixa a gente mais calmo. Eu acho que ele toca bem no lado emotivo, a parte espiritual também [...] é um pouco difícil, porque a gente fica longe dos filhos pequenos, dos parentes [...]. E nessa parte, a música foi muito importante para mim. Eu não vejo a hora de chegar aquele dia, para ir lá para sala, para nós cantarmos, todo mundo junto. [...] Cada encontro é especial para mim, porque eu não vejo ninguém triste. [...] Deus que determina na vida da gente e manda pessoas especiais, usadas por ele, para transmitir aquela energia positiva para a gente. (Marcato)

Nesta unidade de sentidos, apercebe-se que a temporalidade vivida na casa de repouso faz Marcato vivenciar um paradoxo existencial, isto é, estar com seu familiar doente e ao mesmo tempo vivenciar a saudade daqueles que estão distante. Na analítica heideggeriana, o Ser-aí enquanto um ente ontológico-existencial traz em si um modo fundamental de se manifestar ao mundo através da capacidade de transcender sua própria espacialidade e sentir-se próximo dos entes que estão distantes⁽¹¹⁾. Neste sentido, atenta-se em seu discurso, que a música potencializou sua capacidade de espacializar-se, aproximando-a daqueles que são co-presença em sua vida, preenchendo assim, o vazio experienciado.

Sobre o assunto, o estudo enfatiza que o estar longe de entes queridos é sempre permeado de solidão, pois o ser-no-mundo

se sente distante do seu cotidiano familiar, das coisas que lhe conferem a integridade do ser⁽⁶⁾.

Seguindo este pensar, os encontros musicais permitiram-na expressar os seus sentimentos, abrir-se ao mundo e a si mesma; proporcionaram-lhe um momento de introspecção existencial e espiritual, que a conduziu a uma experiência transcendental: assumir as possibilidades concretas de seu existir. Pois, a música possibilita a aproximação dos seres e a aproximação do homem com sua própria essência, subsidiando a compreensão do sentido da vida, na unicidade e subjetividade de uma experiência que integra as dimensões humanas⁽¹⁷⁾. Assim sendo, a presença de outros seres providos por Deus, contribuíram para este processo de abertura, impulsionando-a em sua perseverança na perspectiva de vencer a luta contra o câncer que acometia o seu esposo e retornar ao convívio dos seus.

Por constituir um caminho para melhorar a qualidade de vida dos doentes e sua família, auxiliando no processo de cura e/ou enfrentamento das doenças, a espiritualidade tem despertado o interesse dos profissionais da saúde⁽⁵⁾. Nesse sentido, acreditamos que o bem-estar espiritual avivado através dos encontros musicais, especialmente no que tange ao repertório religioso/espiritual, pode representar um suporte que proporciona aos familiares, conforto, reflexão e motivação diante das adversidades que vêm ao seu encontro.

Eu achei assim... importante. Toca o coração da gente. Você fica mais perto de Deus, porque fala muito nos hinos, eu senti isso, sabe? [...] porque você vem para o teu lado mais interior. Não sei se fica mais sensível. Você vê quantas pessoas choram [...]. Eu acredito que anima bastante. Você vê como o meu marido ficou animado, ficou contente. Eu acho que alivia a cabeça, espanta os pensamentos ruins. [...] acho que de todo mundo estar junto ali reunido, já é uma grande coisa. [...] Você vê ali que o pessoal fica, tipo assim, como se fosse uma família. Então, eu gosto. Eu gosto de todo mundo aqui como se fosse um irmão. (Legato)

Em seu depoimento, Legato revela a importância dos encontros musicais em seu processo de reconstrução de sentidos existenciais, intermediando sua aproximação com Deus. Evidencia também os aspectos psicológicos, sociais, emocionais, reflexivos e espirituais, intrínsecos ao recurso de cuidado, quando descreve a sensibilidade de seus companheiros, bem como a alteração no estado de ânimo e humor de seu esposo.

A acompanhante acredita que os encontros musicais depuram os pensamentos, suavizando a sobrecarga vivenciada, enfatizando a significância de ser-com-os-outros, bem como a co-presença de outros em sua mundaneidade de mundo, reconhecendo como terapêutico, o simples fato de se reunirem para cantar. Com efeito, se “ser-no-mundo só é possível mediante o cuidado e ser-no-mundo é ser-com-outros, logo o cuidado também é, ontologicamente, originário do ser-com, da co-presença”⁽⁶⁾. Todavia, na cotidianidade, o ser-no-mundo somente cuida do outro quando a existência desse outro traduz significado. Deste modo, o cuidado manifesta-se por meio de demonstrações de solicitude e co-responsabilidade pela vida do outro⁽⁶⁾.

Nesse contexto, a essência determina a existencialidade do ser e sua condição humana, revelando sua autenticidade e ressignificando sua vida. Isto porque os sentimentos e emoções emergentes das relações cotidianas intensificam a reciprocidade entre os sujeitos, permitindo que compartilhem com o outro suas concepções de mundo, suas convicções e valores socioculturais⁽¹³⁾. Destarte, os encontros musicais possibilitaram a co-existência entre os usuários da casa de apoio, mediada pela música, um ente que possibilita esta aproximação ontológica, dando sentido ao existir-no-mundo dos seres evidenciados.

Assim sendo, os encontros musicais contemplam outros pressupostos filosóficos dos cuidados paliativos, pois integram os aspectos psicossociais e espirituais do cuidado ao paciente e sua família; oferecem um sistema de apoio para ajudar a família a lidar com a doença e a terminalidade da vida de seu ente querido; reforçam e aprimoram a qualidade de vida destes, influenciando positivamente o curso da doença⁽⁷⁾.

Ah! O encontro musical é como se Deus estivesse presente na hora da dor, na hora do sofrimento. Porque quando a gente está sofrendo, a música traz... como se fosse um remédio para o nosso sofrimento. [...] é um momento difícil, porque na hora que você recebe a notícia, parece que tudo vai acabar. Eu chorei bastante no início, mas depois eu me lembrei que tem um Deus que cuida de nós. [...] Por difícil que seja a nossa caminhada, Deus está presente em todos os momentos. [...] na alegria, na tristeza, na hora da maior angústia [...] é alimento espiritual, alimento para a alma (risos). [...] seja qual música for. Se for sobre Deus é melhor... (Staccato)

Em sua existencialidade, o homem se compreende, por antecipação, como um ser lançado no mundo, numa temporalidade tridimensional da consciência de ser: confere significado às experiências pregressas (vigor de ter sido), a partir de uma vivência contemporânea (ik-stante) interpretada como o devir de um projeto existencial (porvir) cujo artífice é o cuidado⁽⁶⁾. Neste sentido, verifica-se no discurso de Staccato que o impacto do diagnóstico de câncer surgiu como a possibilidade da impossibilidade da existência de seu ente querido, anulando perspectivas e despertando temor ante o seu porvir.

Diante das preocupações e incertezas experienciadas no *ik-stante* de sua vida, reaviva reminiscências do seu vigor de ter sido, digerindo os encontros musicais como um remédio para a sua dor e o seu sofrimento, um alimento espiritual que a faz sentir a presença de Deus em sua vida. Na esperança de derrotar o câncer, encontra na fé que professa, conforto, confiança e segurança, superando desta maneira as dificuldades emergentes em sua caminhada. Logo, compreendemos que as adversidades vivenciadas por Staccato, possibilitaram-lhe uma estação de reflexão, demonstrando-lhe a fragilidade humana ante a iminência de morte de um ente querido, compreendendo que a espiritualidade é o caminho para transcender sua facticidade e que os encontros musicais contribuíram para isso.

Adverte-se a importância da enfermagem compreender e aceitar que o outro é um ser permeado de crenças e valores

que não podem ser negligenciados no processo saúde-doença, pois a espiritualidade, religiosidade ou crenças religiosas ajudam a dar significado às experiências de doença e morte; provêm suporte social, emocional e espiritual – conforto, consolo, motivação e esperança – renovando suas energias e direcionando o comportamento dos familiares durante o seu estado de adaptação à doença e morte⁽¹⁸⁾.

Eu gostei muito daqueles encontros! Fez muito bem para as pessoas que estavam lá. Porque, a gente está baixo astral... Ali eu estava acompanhando a minha mãe e aqueles encontros acabaram, de certo modo, trazendo muita experiência para a gente. Porque, em algumas vezes, cada um acabou expondo a sua situação. Sobre a minha mãe mesmo, a gente fez muita amizade ali naquela casa. Pessoas trouxeram palavras, as músicas, a letra das músicas, de certo modo ela confortava a gente. [...] Trouxe momentos de alegria para mim, com certeza, porque, eu gosto muito de cantar [...] trouxe muita alegria para a minha alma também. (Sforzando)

Na concepção heideggeriana, o humor é onticamente um existencial fundamental, que o ser-no-mundo utiliza para se manifestar no mundo⁽¹⁰⁾. “É a condição de tocar e ser tocado, de poder compartilhar seus sentimentos e, principalmente, de vivenciar manifestações de alegria ou tristeza”⁽³⁾. Ou seja, é “o estado e a integração dos diversos modos de sentir-se, relacionar-se e de todos os sentimentos, emoções e afetos bem como das limitações e obstáculos que acompanham essa integração”⁽¹¹⁾.

Diante da necessidade de falar e ser ouvido, a palavra do outro pode significar para o ser-no-mundo uma possibilidade de cuidado, haja vista que, por meio da palavra, os seres expressam sua existencialidade e acolhem a coragem, o consolo e o ânimo necessários para viver e conviver com o câncer⁽⁶⁾. Deste modo, constata-se que Sforzando alude sobre as palavras de apoio recebidas dos amigos que conquistara na casa de apoio; o conforto e o bem-estar transmitidos pelas letras das músicas entoadas nos encontros musicais; o prazer e a alegria de cantar, alegrando e acalentando sua alma. Evidenciamos que, em seu exílio efêmero, Sforzando articulou no início do primeiro encontro sua perplexidade existencial: “vai, faz alguma coisa por nós”.

Na meditação heideggeriana, o homem ao estar-no-mundo estabelece relações, sendo na maioria das vezes absorvido, toma a forma do seu mundo, da realidade que está vivendo⁽¹⁹⁾. Diante disto distingui-se na fala do depoente, que a relevância e a contribuição da terapia em grupo neste contexto oportunizam o compartilhar de experiências com outros seres que vivenciam facticidades semelhantes, pois constitui um ambiente reflexivo e interativo mediado pela dialogicidade e escuta sensível⁽⁸⁾. Ressaltamos que a música facilita a expressão de emoções, a comunicação interpessoal, a interação entre os clientes e a equipe de saúde e o compartilhamento de experiências⁽¹⁵⁾.

Diante do exposto, enfatizamos a relevância destas instituições, uma vez que, a dor, desfiguração, isolamento social e a

iminência da morte fazem parte dos sentimentos vivenciados pela maioria dos pacientes submetidos a tratamentos oncológicos e seus familiares⁽²⁰⁾.

Ressaltamos ainda a importância das casas de apoio que albergam pessoas em tratamento oncológico e sua família, como lugares que, articulados com estratégias de cuidado como a música, possibilitam não somente as inúmeras pessoas darem seguimento a seu tratamento, como também proporciona um acolhimento autêntico aos familiares que acompanham seu ente querido, compartilhando momentos de angústias, tristezas e alegrias, principalmente quando se encontram longe de seus lares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encontro mediado pela música promove a abertura do ser para o diálogo e o vínculo entre enfermeiro, cliente e família, no âmbito dos cuidados paliativos oncológicos, ampliando as possibilidades de interação entre os sujeitos envolvidos no processo de cuidar das pessoas que convivem com o câncer e o tratamento antineoplásico em uma casa de apoio, subsidiando aos familiares acompanhantes a elaboração de estratégias de enfrentamento e a transcendência de suas vicissitudes.

Vislumbrando a qualidade de vida e a humanização da assistência de enfermagem à família, apreendemos que a utilização dos encontros musicais como uma estratégia de cuidado possibilita a expressão de subjetividades, proporcionando conforto, reflexão e compreensão diante da possibilidade de morte de um ente querido. Como trazem a música como

principal recurso de abordagem, os encontros musicais oportunizam o compartilhar de experiências entre pessoas que vivenciam situações semelhantes no espaço coletivo. Constitui um espaço concreto para profissionais sensibilizados com a condição destes pacientes e seus familiares, desenvolvam uma escuta sensível e uma assistência qualificada.

Cabe salientar que, ao possibilitar a co-existência com outros seres, os encontros musicais permitiram uma aproximação ontológica que revelou como estes encaram a doença de seu familiar e sua temporalidade na casa de apoio. Nessa perspectiva, os familiares digeriram a música como uma terapia complementar multidimensional que influencia no estado de ânimo e humor do ser-doente, deslembrando temporariamente sua condição existencial; como uma terapia medicamentosa para o seu sofrimento, que o alimenta espiritualmente, fazendo-o experienciar a presença de Deus, e assim suportar a dor e a angústia de presenciar, de modo impotente, o extenuar de seu ente querido e as adversidades emergentes em sua terminalidade da vida.

Dentre as limitações do estudo, destaca-se o reduzido número de sujeitos, em virtude do critério de inclusão, necessário para o estabelecimento de vínculo entre sujeito e pesquisador, bem como sua contextualização no tempo e espaço das vivências dos sujeitos evidenciados, o que não permite generalizações. Todavia, acreditamos que os resultados apresentados possam sensibilizar outros enfermeiros e pesquisadores sobre a importância deste recurso de cuidado, com o intuito de aprofundar o conhecimento e a reflexão acerca da temática, demonstrando assim sua relevância para a enfermagem oncológica no contexto dos cuidados paliativos.

REFERÊNCIAS

1. Fontes CAS, Alvim NAT. Importância do diálogo da enfermeira com clientes oncológicos diante do impacto do diagnóstico da doença. *Ciênc Cuid Saúde*. 2008 Jul-Set;7(3):346-54.
2. Mansano-Schlosser TC, Ceolim MF. Quality of life of cancer patients during the chemotherapy period. *Texto & Contexto Enferm* [Internet]. 2012 [cited 2014 Jan 30];21(3):600-7. Available from: http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n3/en_v21n3a15.pdf
3. Sales CA, Silva VA, Pilger C, Marcon SS. Music in human terminality: the family members' conceptions. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2011 [cited 2012 May 05];45(1):134-40. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n1/en_19.pdf
4. Bergold LB, Alvim NAT. Influência dos encontros musicais no processo terapêutico de sistemas familiares na quimioterapia. *Texto & Contexto Enferm*. 2011;20(nº. esp):108-16.
5. Ferreira NML, Dupas G, Costa DB, Sanchez KOL. Câncer e família: compreendendo os significados simbólicos. *Ciênc Cuid Saúde*. 2010 Abr-Jun;9(2):269-77.
6. Silva LC. O cuidado na vivência do doente de câncer: uma compreensão fenomenológica. Maringá: Eduem; 2009.
7. World Health Organization. WHO definition of palliative care [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2006 [cited 2012 May 9]. Available from: <http://www.who.int/cancer/palliative/definition/en/>
8. Silva RS, Campos AER, Pereira A. Caring for the patient in the process of dying at the intensive care unit. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2011[cited 2012 May];45(3):735-40. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n3/en_v45n3a27.pdf
9. Bergold LB. Encontros musicais: uma estratégia de cuidado de enfermagem junto a sistemas familiares no contexto da quimioterapia [tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2009.
10. Seki NH, Galheigo SM. O uso da música nos cuidados paliativos: humanizando o cuidado e facilitando o adeus. *Interface Comun Saúde Educ* [Internet]. 2009 [acesso em 05 maio 2012];14(33):273-84. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n33/a04v14n33.pdf>
11. Heidegger M. Ser e tempo. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2008.
12. Gomes AMA, Paiva ES, Valdés MTM, Frota MA, Albuquerque CM. Fenomenologia, humanização e promoção da saúde: uma proposta de articulação. *Saúde Soc*. 2008 Jan-Mar;17(1):143-52.

13. Terra MG, Silva LC, Camponogara S, Santos EKA, Souza AIJ, Erdmann AL. Na trilha da fenomenologia: um caminho para a pesquisa em enfermagem. *Texto & Contexto Enferm*. 2006 Out-Dez;15(4): 672-8.
 14. Robb SL, Burns DS, Carpenter JS. Reporting guidelines for music-based interventions. *J Health Psychol* [Internet]. 2011 Mar [cited 2012 Jul 18];16(2):342-52. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20709884>
 15. Bergold LB, Alvim NAT. A música terapêutica como uma tecnologia aplicada ao cuidado e ao ensino de enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2009 Jul-Set;13(3):537-42.
 16. Josgrilberg RS. O método fenomenológico e as ciências humanas. In: Castro DSP, Ázar FP, Piccino JD, Josgrilberg RS, organizadores. *Fenomenologia e análise do existir*. São Paulo: Sobraphe; 2000. p.75-93.
 17. Leão ER. Reflexões sobre música, saúde e espiritualidade. *Mundo Saúde*. 2007;31(2):290-6.
 18. Bousso RS, Poles K, Serafim TS, Miranda, MG. Religious beliefs, illness and death: family's perspectives in illness experience. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2011[cited 2012 May 5];45(2):391-7. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n2/en_v45n2a13.pdf.
 19. Oliveira MFV, Carraro TE. Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem. *Rev Bras Enferm*. 2011 Mar-Abr;64(2):376-80.
 20. Mercedes Lafaurie M, Castiblanco Barbosa DR, González Díaz JM, Jiménez Tamayo DM, Bibiana Moreno L, Sastore Ramírez AG, et al. Mujeres en tratamiento de cáncer, acogidas por un Albergue de Apoyo: circunstancias y perspectivas de cuidado de Enfermería. *Rev Colomb Enferm*. 2009 Oct-Dic;4(4):61-72.
-